

RELAÇÕES IDENTITÁRIAS E INFÂNCIA NO CONTO DE MIA COUTO: O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS.

João Batista Teixeira (UEPB/PPGLI)
raiolispector_@hotmail.com

Rosilda Alves Bezerra (UEPB/PPGLI, Orientadora)
rosildaalvesuepb@yahoo.com.br

Neste trabalho discute-se com base na literatura africana de língua portuguesa, em específico caso na literatura moçambicana, tendo como objeto de análise o conto do escritor Mia Couto: *O embondeiro que sonhava pássaros*, do livro de contos: *Cada homem é uma raça* (1998). É pertinente observar as relações entre a criança filho do colonizador e sua amizade com um natural da terra, como o discurso literário de Mia Couto apresenta essas situações em que o estereótipo de negro numa sociedade imersa em diversos valores culturais tende a segregar valorizando a cultura do colonizador e se opondo a amizade entre o passarinho e o menino do bairro dos brancos. Essas relações em contexto pós-colonial apresentam-se em fronteiras dilaceradas, pois os fundamentalismos tendem a ser combatidos e enfrentados, para que um mundo mais humano possa se instaurar seja na sociedade moçambicana ou em outras sociedades em que os direitos humanos possam vir a ser violados. Apoiaremos-nos em Afonso (2004) sobre a literatura de Mia Couto e o conto moçambicano, Bonnici (2000) sobre pós-colonialismo, Appiah (1997) acerca de África e suas relações culturais, Hall (2006) sobre identidade cultural, tema recorrente para se compreender a literatura de Mia Couto, Bezerra (2011) sobre literatura africana de língua portuguesa entre outros autores que discutem as temáticas deste trabalho.

Palavras-chave: Literatura moçambicana, infância, identidade e Mia Couto

Por trás das cortinas, os colonos reprovavam aqueles abusos. Ensinavam suspeitas aos seus pequenos filhos. Aquele preto quem era Alguém conhecia recomendações dele? Quem autorizara aqueles pés descalços a sujarem o bairro? Não, não e não. O negro que voltasse ao seu devido lugar. Contudo, os pássaros tão encantantes que são – insistiam os meninos. Os pais se agravavam: estava dito. COUTO (1998. P.64)

Discute-se neste trabalho acerca da literatura africana de língua portuguesa, em especial caso, um conto de Mia Couto, escritor moçambicano. O conto intitulado *O embondeiro que sonhava pássaros*, do livro de contos: *Cada homem é uma raça* (1998), que irá apresentar a relação de um natural da terra (Moçambique) com uma criança, filho dos colonos. A narrativa elucida os espaços bem divididos de forma política, a criança que habita o bairro dos brancos, e ele, o passarinho ou vendedor de pássaros, aquele que não é bem vindo no espaço daquele que domina e impõe uma ordem e uma cultura em detrimento daquela ou daquelas culturas já existentes naquele local.

Os espaços públicos no período que denominamos modernidade apresentam essas características de exclusão social. Na narrativa; *O embondeiro que sonhava pássaros* verifica-

se essa situação, quando o bairro dos brancos não pode ser freqüentado por um negro, mais ainda, pelos modos culturais deste que pode influenciar um menino branco. Tal prática indica que o discurso pós-colonial ainda se apresenta mesmo como discurso, pois as práticas de racismo ainda persistem e se instauram como normatividade social. A primeira vista, temos um passarinho, um homem que vende pássaros, um exilado no próprio território, condição errante dos que se vêem atravessados pelos sistemas coloniais:

Esse homem sempre vai ficar na sombra: nenhuma memória será bastante para lhe salvar do escuro. Em verdade, seu astro não era o sol. Nem seu país não era a vida. Talvez, por razão disso, ele habitasse com cautela de um estranho. O vendedor de pássaros não tinha sequer o abrigo de um nome. Chamavam-lhe o passarinho.

Todas as manhãs ele passava nos bairros dos brancos carregando suas enormes gaiolas. Ele mesmo fabricava aquelas jaulas, de tão leve material que nem pareciam servir de prisão. Pareciam eram gaiolas aladas, voláteis. Dentro delas, os pássaros esvoavam suas cores repentinas. À volta do vendedor, era uma nuvem de pios, tantos que faziam mexer as janelas:

-- Mãe, olha o homem dos passarinhos!

E os meninos inundavam as ruas. As alegrias se intercambiavam: a gritaria das aves e o chilreio das crianças. COUTO (1998. P.63)

O narrador vai apresentando o conto, os personagens: o passarinho, as crianças, os colonos, e Tiago, o menino que vai adentrar o mundo do passarinho, num trânsito cultural, irão mostrar o mundo cheio de belezas, mas também os espaços divididos, segregados pelos estereótipos e preconceitos que delimitam por onde devem transitar os que mandam e os subalternizados.

A literatura de Mia Couto apresenta uma sociedade envolta no processo de descolonização. Suas narrativas falam não somente de período colonial propriamente dito, embora retome essa discussão em seus romances, como no caso de *O outro pé da sereia* (2006) em que a narrativa se divide em 1560/2002, mostrando como esses espaços eram habitados e divididos pelo poder colonial e também no que se denomina pós-colonial.

Retomando a discussão que permeia esse trabalho, através do conto, Mia Couto evoca um passado colonial que ainda não superado insiste em se manter dividindo pessoas já tão imersas nas culturas umas das outras. Valemo-nos de Mignolo (2003) que foca esse fenômeno contemporâneo como neoliberalismo, globalização e outros da chamada sociedade pós-moderna que ele denomina sistema mundial colonial/moderno, é imprescindível a retrospectiva na história, especialmente até o século XVI, que ele apresenta como preparação para o cenário que vai contribuir para a construção do nosso atual sistema.

A narrativa vai encaminhando os personagens em destinos já traçados pelo sistema social que exclui o passarinho para a floresta, ele não deverá aportar no mundo, no bairro dos brancos sua presença ofende aqueles que ainda insistem num mundo dividido.

O autor do conto, de acordo com Bezerra (2007, p.31) nasceu em Beira, nas margens do Índico, numa cidade onde todo homem tem a impressão de não se encontrar em lugar nenhum, na visão do próprio autor. Lugar de passagem e pouso durante as longas travessias, toda a costa moçambicana sempre foi um entrecruzar de civilizações. Ilhas, muitas ilhas, e portos que, primeiro, foram ocupados pelos naturais do lugar, que nunca foram poucos e sempre carregaram entre si históricas dissensões.

Sua literatura, a de Mia Couto, apresenta os sujeitos nesse entrelaçar cultural e em processo de descolonização. Observe-se o modo como o menino Tiago se relaciona com o

passarinheiro, é um momento de quebra do paradigma colonial, que dividia os naturais da terra daqueles que colonizaram e impuseram uma ordem e uma cultura que nada dizia aos moçambicanos.

Esse mundo que insiste em se manter totalitário acaba encontrando nas suas concepções racistas a própria contradição, pois num contexto atual, e numa sociedade que se viu através dos séculos imersa no caldo das diversas culturas que adentraram seus territórios geográfico e cultural, não pode afirmar o purismo tanto dos africanos, como da cultura do colonizador. Há o que chamamos de trânsito cultural nessas sociedades pós-coloniais. Observe-se o que afirma Bhabha (1998, P.99) também sobre o que se discute, ao negar a condição culturalmente diferenciada do mundo colonial– ao ordenar vire branco ou desapareça–o colonizador fica também preso na ambivalência da identificação paranóica, alternando entre fantasias de megalomania e perseguição.

Assim, as situações de violência presentes no conto O embondeiro que sonhava pássaros evidencia esse quadro de totalitarismos e sistemas que não se permitem um discurso por um mundo melhor, uma heteronomia como idealização de dias melhores para os povos.

A beleza com que Mia Couto coloca tais questões no conto aqui analisado mostra-nos uma literatura feita da recolha das vidas que ficam à margem, dos silêncios tantos que a história, que a humanidade não identifica, pois o discurso que se perpetua é sempre o totalizador e totalizante. Bezerra (2007) aponta a literatura não como entretenimento, como mero adereço cultural, mas como ethos constitutivo do sujeito. Nessa visão, compreender o modo como o menino Tiago se mistura ao mundo do passarinho, já nos coloca frente a um novo discurso, o de que tais regimes totalitários estão sendo postos em xeque, à medida que se propõe um diálogo como o diferente, e ao mesmo tempo nos sentindo a parte que faz esse todo, o que Édouard Glissant (2005, p.86) define com a totalidade-mundo:

No encontro das culturas do mundo, precisamos ter a força imaginária de conceber todas as culturas como agentes de unidade e diversidade libertadoras, ao mesmo tempo. É por isso que reclamo para todos o direito à opacidade. Não necessito mais de compreender o outro, ou seja, reduzi-lo ao modelo de minha própria transparência, para viver com esse outro ou construir com ele. Nos dias de hoje o direito à opacidade seria indício mais evidente da não- barbárie. E eu diria que as literaturas que se perfilam diante de nossos olhos e que já podemos pressentir, serão colocadas com todas as luzes e com todas as opacidades da nossa totalidade- mundo.

Seria o caso da literatura pós-colonial, postulada por Bonnici (2000) como uma literatura voltada às questões que permeiam as nações que se estruturam após longos anos de colonização, o mesmo cita Frantz Fanon ao reiterar que jamais se pode esquecer que a descolonização é o processo oposicionista contra a dominação, uma verdadeira criação de homens novos, não se originando de um poder sobrenatural, porque o objeto que foi colonizado torna-se pessoa durante o mesmo processo em que se liberta.

As relações entre o passarinho e o menino Tiago se voltam para uma nova ótica social:

Era Tiago, criança sonhadeira, sem outra habilidade senão perseguir fantasias. Despertava cedo, colava-se aos vidros, aguardando a chegada do vendedor. O homem despontava, e Tiago descia a escada, trinta degraus em cinco saltos. Descalço, atravessava o bairro, desaparecendo junto com a mancha da passarada. O sol findava e o menino sem regressar. Em casa de Tiago se poliam as lástimas (...)

___ *Fostes a casa dele: Mas esse vagabundo tem casa?*

A residência dele era um embondeiro, o vago buraco no tronco. Tiago contava: aquela era uma árvore muito sagrada, Deus a plantara de cabeça para baixo.

___ *Vejam só o que o preto anda a meter na cabeça desta criança.*

O pai se dirigia a esposa, encomendando-lhe as culpas. O menino prosseguia: é verdade, mãe. Aquela árvore é capaz de grandes tristezas. Os mais velhos dizem que o embondeiro, em desespero, se suicida por via das chamas. Sem ninguém pôr fogo. É verdade mãe. COUTO (1998, P.64-65)

Temos a partir do ficcional de Mia Couto, uma aula de alteridade entre o menino e o passarinho. As culturas de ambos aqui não é motivo, para o menino de separação, mas de entendimento e trânsito cultural. Ao contrário para os seus pais, a preocupação é que o garoto não se misture ao mundo do passarinho. O tratamento dado a cultura do outro é de indiferença, de descaso, o garoto não poderá conviver com o negro, seria ruim e perigoso que um branco aprendesse a cultura de um negro.

O conto vai trazendo situações de violência, o passarinho é preso e como que por encanto desaparece da cadeia, indo de volta ao embondeiro, o menino sabe que os colonos irão matá-lo, assim sai para avisar dos perigos que corre. O final do conto é trágico e mágico, o menino ao adentrar o embondeiro, acaba sendo engolido pelas chamas. A árvore é incendiada, menino branco e homem negro envolto em chamas:

As tochas se chegaram ao tronco, o fogo namorou as velhas cascas. Dentro, o menino desatara um sonho: seus cabelos se figuravam pequenitas folhas, pernas e braços se madeiravam. Os dedos, lenhosos, minhocavam a terra. O menino transitava de reino: arvorejado, em estado de consentida impossibilidade. E do sonâmbulo embondeiro subiam as mãos do passarinho. Tocavam as flores, as corolas se envolveram: nasciam espantosos pássaros e soltavam-se, petalados, sobre a crista das chamas. As chamas? De onde chegavam elas, excedendo a lonjura do sonho? Foi quando Tiago sentiu a ferida das labaredas, a sedução da cinza. Então o menino aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para suas recentes raízes. COUTO (1998, P.70-71)

A beleza do conto revela o conhecimento de Mia Couto acerca da cultura ou culturas de sua gente. Temos um menino que metaforiza a nação que se ergue após a longa noite colonial. Ao ser envolto e engolido nas chamas do embondeiro o menino branco vira raízes, emigrou-se, seus dedos minhocavam a terra. Nessas expressões encontramos os homens que inauguram um mundo longe do jugo colonial. Ao entrar na árvore sagrada ambos, menino branco e homem negro se mesclam numa só humanidade.

Sobre o conto moçambicano, AFONSO (2004, P.209) enfatiza:

A escrita de Mia Couto, alimentada pela magia dos contos que o autor ouviu na infância, passada na Beira, que recuperar um tempo e um espaço míticos. A memória acolhe-se no tempo passado que sofre uma reatualização, metamorfoseando em imagens que prolongam as fantasias da infância e os devaneios do poeta.

Ainda nos reportando a situações em o insólito é uma recorrência na literatura de Mia Couto, só reitera o valor de quem transporta para o texto literário a experiência da vida, do povo, da oralidade. Afonso (2004) ainda reforça esse ponto de vista dizendo que o realismo mágico pode ser concebido na escrita de Mia Couto como uma tensão sutil, mas constante, entre o abandono ao mundo, tal como ele se encontra em face do escritor, e uma clara vontade construída na sua relação com ele. Não se trata, porém, de uma construção forçando a

inspiração. De facto, tudo aparece como um pequeno milagre, onde os elementos narrativos se interpenetram para criar uma atmosfera mágica.

Para APPIAH (1997, p115.) os mitos estão sempre presentes reclamando sua participação, o passado é quem alimenta o imaginário:

É que a relação dos escritores africanos com o passado africano é uma trama de ambigüidades delicadas. Se eles aprenderam a não o desprezar nem tentar ignorá-lo, e há muitas testemunhas da dificuldade dessa descolonização da mente, ainda estão por aprender a assimilá-lo e transcendê-lo. Eles cresceram em famílias para quem o passado, quando não está presente, ao menos não se encontra muito abaixo da superfície. Esse passado e os mitos de seu povo não são coisas que eles possam ignorar.

Mia Couto desenvolve na sua literatura esse diálogo entre tradição e modernidade, à medida que seus textos imersos nos temas da atualidade sempre trazem um mergulho nos mitos, nas falas silenciadas pelo jugo colonial.

Nesse trabalho discutiu-se acerca dos espaços delimitados pela cultura do branco colonizador em detrimento da cultura do subalternizado. O menino Tiago, filho de colonos, habitante do bairro dos brancos ao fazer amizade com um negro da terra vai adentrando campos culturais que lhe encanta. Menino em espaço de adulto, mas esse adulto é negro, representante de uma comunidade marginalizada.

Os espaços sociais coexistem com ordens e discursos normatizadores. A família do menino ao observar sua conduta tenta manter a vigilância. Há uma prática colonial sim, à medida que a criança é punida, proibida de conviver com a cultura do outro.

A literatura de Mia Couto levanta questões atuais no que diz respeito às diferenças nos espaços da modernidade. Seja na rua, na escola, nos espaços de entretenimento, nos ambientes religiosos, se vêem práticas de exclusão, de violência física e psicológica, quando a presença de outro que não é da nossa cultura tenta estabelecer um contato, um diálogo por mínimo que seja.

Tiago traz a representação da inocência, mas também do homem que não mais raiz única, se faz e se percebe composto como diz Glissant (2005) se permite pensar num mundo com uma perspectiva de heteronomias.

Num mundo de identidades voláteis e flutuantes, as culturas do colonizado e colonizador se mesclam nesse conto. Hall (2006, p.17) acrescenta ao que se discute sobre identidade cultural:

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela diferença: elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeito, isto é, identidades – para os indivíduos.

Importante reconhecer os processos identitários nos sujeitos da modernidade. Tais posicionamentos, deslocamentos se tornam necessários para a própria sobrevivência. No conto analisado, vislumbramos apenas as relações de espaço e poder. Como o menino branco é afastado do convívio de um homem negro, baseando nos estereótipos de superioridade dos brancos e do apagamento da cultura do outro, do negro. Sabemos que as lutas por uma sociedade mais justa tem sido a bandeira de vários organismos internacionais. Que para a efetivação de um mundo que se faça na diferença e na igualdade ainda passa por percalços e dificuldades, desde os sistemas políticos aos discursos que produzem essas ideologias. Se a literatura pode ser instrumento de reflexão sobre a barbárie e os totalitarismos que tem por séculos conduzido os destinos desse planeta, façamos a literatura circular, nos espaços e nas

mentas, assim o processo de descolonização se efetivará não apenas nos territórios geográficos, mas também teremos a descolonização das mentalidades.

Referências:

- AFONSO, Maria Fernanda. **O conto moçambicano. Escritas pós-coloniais.** Col. Estudos Africanos. Editorial Caminho. S/A, Lisboa, 2004.
- APPIAH, Kwame. **Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura.** Tradução: Vera Ribeiro; Revisão da tradução: Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Editora da UFMG. 1998. Col. Humanitas.
- BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura.** Maringá: EDUEM, 2000.
- BEZERRA, Rosilda Alves. Por uma cidadania cultural moçambicana: A África Pós-colonial, em Um rio chamado tempo e Uma casa chamada terra, de Mia Couto. IN: Mosaico de Culturas: **Identidade e Representações nas Literaturas de Língua Portuguesas.** Rosilda Alves Bezerra (organizadora) Natal: Philia Editora, 2007.
- COUTO, Mia. O embondeiro que sonhava pássaros. IN: **Cada homem é uma raça.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- COUTO, Mia. **O outro pé da sereia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução à uma poética da diversidade.** Tradução: Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. Ed, Rio de Janeiro. DP&A, 2006.
- MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos locais: colonialidades, saberes subalternos e pensamento liminar.** Belo Horizonte. UFMG, 2003